



UMA LINDA ESCOSSEZA

(Desenho de Ferreira da Costa).

II série—N.º 565

**ILUSTRAÇÃO**

Lisboa, 18 de Dezembro de 1916

Portugal, colónias portuguesas e Hespanha

Assinatura Trimestre, 1\$20 cív. — Semestre, 2\$40 cív. — Ano, 4\$80 cív. —

Numero avulso, 10 centavos

**PORTUGUEZA**

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA

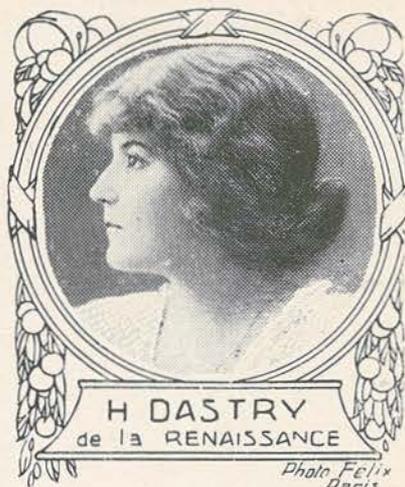
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.

Numero avulso em todo o Brazil, 600 réis

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL 'O SECULO'

Editor — JOSE JOUBERT CHAVES

# Estou sempre muito satisfeita



H DASTRY  
de la RENAISSANCE

Photo Felix  
Paris

Desde muito tempo sirvo-me do Dentol e estou sempre muito satisfeita.

HUGUETTE DASTRY.

**O DENTOL** (líquido, pasta e pó) e, na verdade, um denifício soberanamente antiseptico, tendo ao mesmo tempo um perfume dos mais agradáveis.

Grado conforme os trabalhos de Pasteur elle destrõe todos os microbios ruins da bocca; tambem impede e cura infallivelmente a carie dos dentes, as inflamações das gengivas e as dores de garganta. Em poucos dias dá uma apparellante aos dentes e destrõe o tartaro. Deixa na bocca um frescor delicioso e persistente.

Sua acção antiseptica contra os microbios prolonga-se na bocca durante 24 horas pelo menos.

Posio puro em algodão, calma instantaneamente as dores de dentes por mais violentas que sejam.

**O DENIOL** encontra-se a venda em todas as principais Perfumarias, Farmacias e Drograrias de LISBOA e PORTO.

Vendas por grosso, R. Vasco da Gama, 29 e 31, LISBOA.

**«CADEAU»**

Basta mandar para M. Frère, 19-Rue Jacob, Paris, \$15 centavos em selos de correio, recomendando-se a «Illustração Portuguesa» para receber franco pelo correio, um delicado cofresinho contendo um pequeno frasco de DENTOL, uma caixa de Pasta e uma caixa de PÓ.

## Maneira segura de fazer com que o Cabelo curto e ralo fique abundante e espesso em 30 dias

### Receita pratica contra a calvicie

Quando se tem caspa e o cabelo cae, pode-se ficar certos que as raizes do cabe o estão demasiado fracas para absorverem do sangue os oleos necessarios para a nutrição do mesmo. Esta deficiencia de alimentação do cabelo é a causa primordial da queda do cabelo e da subseqüente calvicie. A sciencia, até agora impotente contra esta afeção, conseguiu afinal descobrir um remedio eficaz contra a mesma, o preparado Lavona de Composéé, que é instantaneamente absorvido ainda mesmo pelas mais fracas raizes de cabelo, e de tal modo substitue os oleos naturais e tão perfeitamente, que faz o cabelo crescer e tornar-se espesso no curto prazo de 30 dias. Lavona de Composéé, no seu estado puro, é tão forte que se recomenda geralmente se use misturado com outros ingredientes da maneira seguinte: Obtem-se n'uma farmacia um frasco de capacidade de umas 125 gramas, contendo 50 gramas de alcool a 90°, 7 decigramas de Menthol cristalizado e 45 gramas de agua destilada. Obtem-se tambem em outro frasco 30 gramas de Lavona de Compos e. Cerca de meia hora antes de fazer uso d'esta loção, deve-se deitar metade d'este ultimo preparado no outro frasco, tendo o cuidado de agitar bem a mistura. Aplica-se o remedio de manhã e á noite durante dois dias, e então junta-se-lhe a outra metade da Lavona de Composéé. Se o cabelo estiver seco, quebradiço, ralo e curto, ou sem vida ou a cair, e mesmo tendo caspa, o uso diario d'esta simples, inofensiva e barata receita dará um resultado pronto e admiravel. Fazendo uso des'te remedio, deve haver o cuidado de não tocar com ele no rosto ou em qualquer outra parte do corpo, onde não se de-seje que cresça cabelo.



## Henri Manuel PHOTOGRAPHO D'ARTE

27, Rue du Faubourg Montmartre

Agencia Internacional de Reportagem

As mais importantes coleções de retratos de altas personalidades

**REMÉDIO FRANCEZ**  
o mais antigo conhecido contra a

**PRISÃO DE VENTRE**  
INVENTADO em 1802  
VERDADEIROS

**Grãos de Saúde do Dr Franck**  
(Véritables Grains de Santé du Dr Franck)  
Em todas as Pharmacias e Drograrias.  
DEPOSITARIO:  
J. DELIGANT, 15, R. dos Sapateiros, LISBOA



## MAIZENA



Pudim de "Maizena"

Sabeis que uma sobremesa pode ser leve e delicada— muito facil de fazer—e, ao mesmo tempo pode encerrar excellentes qualidades nutritivas? As VERDADEIRAS sobremesas preparam-se com "Maizena."

### PUDIM DE MAIZENA COM LIMÃO

Deite-se o sumo e a casca ralada de dois limões em seis onças de assucar e tres de "Maizena" e dissolva-se bem em agua fria. Deite-se quantillo e meio de leite fervendo, mexendo-o até ficar basto. Retire-se do fogo e deite-se-lhe uma onça de manteiga e quatro ovos; leve-se novamente ao fogo, tendo o cuidado de o não deixar queimar; retire-se quando esteja espesso e, em seguida, encha-se algumas taças ou moldes já humedecidos com agua fria e poderão ser immediatamente despejados. Nata e assucar, cu qualquer molho doce, são preferenciais.

NATIONAL STARCH CO.

New York, E. U

A venda em todas as lojas de generos alimenticios do paiz

## O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE E FISIONOMISTA DA EUROPA

### MADAME Brouillard



Diz o passado e o presente prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vallicios. Pelo estudo que fez das ciencias, quromancias, cronologia e histologia, e pelas applicações practicas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose d'Arpenigney madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde lo admira pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem prediz-se a queda do império e todos os acontecimentos

tos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglés, alemão, italiano e hespanhol. Da consulta diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000 réis.



# Ilustração Portuguesa

## CRONICA

N.º 566

18-19-1916



### Exposições

Constitue um doce repouso para o espirito, um consolador alheamento das preocupações que atualmente nos afligem, a visita á exposição de industrias regionaes, no escritorio «Arte e ménage», na rua do Alecrim. O cuidado paciente e inteligentissimo de uma poetisa do Porto, ha muito domiciliada em Lisboa, a sr.ª D. Albertina Paraizo, reuniu ali raros e lindos exemplares das nossas industrias, n'um conjunto artistico que delicia os visitantes. Entra-se no recinto encantado e logo, como que em sonho de magica, se desvanece a atmosfera sombria e tempestuosa que nos cercava, substituida por um ambiente limpo e sereno, onde se respira bem e que nos torna alegres e comunicativos.

A primeira impressão que se colhe é a da estranheza, que se traduz em admiração. Pois que? todas aquelas maravilhas são produzidas na nossa terra, possuímos tão completo o sentimento do belo, sabemos adaptar são sabiamente ás utilidades da vida o requinte artistico que as tornam leves e delicadas? Sim; tudo aquilo é português de lei, tudo aquilo que nos tem, talvez, passado despercebido pela dispersão, as mãos carinhosas de uma senhora souberam dispôr para nosso goso, fazendo o que denominaremos patriotismo pratico, muito diverso do que apenas se manifesta retoricamente, em criticas ou antes, em maledicencias.

A sr.ª D. Albertina Paraizo conseguiu, além de tudo o mais, provar, n'uma hora em que a fibeiza de alguns procura inutilmente arrastar-nos ao desanimo, que a vitalidade do povo português se tem afirmado sempre com um brilhantismo que só os cegos de entendimento ousarão negar.

### Tauromaquia

O colaborador tauromaquico do *Seculo*, o jovial e justiceiro *Zé Jaleco*, tem o excelente habito de publicar por este tempo uma resenha critica e estatistica do que se passou no paiz durante a época imediatamente anterior, relativamente ao assunto da sua especialidade. Disse-nos agora quantas touradas houve em 1916 nas praças de Lisboa e provincias, quantos touros se lidaram, quantos os que cumpriram e não cumpriram, deu-nos a lista dos toureiros, contou-nos as proezas d'estes, citou-nos as *colhidas*, etc.

Não se dirá que fez um trabalho banal, aquele simpatico noticiariista e critico. Sem pretendermos entrar na discussão pró ou contra as touradas, registemos o facto de ser a diversão mais popular, porque para isso possui todos os requisitos, incluindo o da compreensão facil por parte do publico; de modo que, de toda a prosa do jornal, não é a de *Zé Jaleco* a menos apreciada e estamos certos de que estas resenhas são guardadas preciosamente pela maioria dos portugueses para recordação dos poucos momentos felizes que passaram na vida.

E' certo que o toureiro não gosa entre nós do culto e da veneração que os nossos visinhos hespanhoes lhe tributam; não conhecemos caso algum que se pareça com o d'aquella andaluza em cuja mão direita Frascuelo tinha dado um beijo e que esteve um mez sem a passar por agua, receando profana-la. No entanto, sabemos de alguém, português, que usa como enfeite na corrente do relógio e encastoada em ouro,

uma unha de certo cavaleiro tauromaquico, que, tendo-a quebrado quando ia a meter um ferro curto, a ofereceu gentilmente á dama dos seus pensamentos...

### Epidemias

A febre tifoide tem alastrado ultimamente em Lisboa e os jornaes, de acordo com determinações medicas, publicam os preceitos a seguir para evitar o contagio, trabalho laborioso, se se cumprir á risca, mas indispensavel.

Alguns, animadoramente, dizem-nos que não ha motivo para sustos, pois que sempre por este tempo tal epidemia costuma visitar-nos; vem nas aguas...

Evidentemente, desde que o perigo é periodico e fatal, parece que a resignação seria para ele o remedio melhor, mas a verdade é que ha pessoas de espirito refratario, ás quaes repugna a inercia perante o ataque e que chegam ao extremo de se indignar. Timidamente, diremos que as comprehendemos, sobretudo ás que não clamam tanto pelo risco a que estão sujeitas mas pelo que cerca os entes que lhes são queridos; e com igual timidez, não vão melindrar-se os intangiveis, lembramos que, visto as causas residirem na agua que bebemos, é muito possivel que, purificada esta, as causas da epidemia cessem.



Em cidades mais populosas do que Lisboa verificou-se que a percentagem da mortalidade diminuiu consideravelmente depois de modificadas as canalisações e melhoradas as aguas potaveis; porque não se pratica o mesmo aqui?

Já se tem aventado a idéa, e repetidas vezes até, por mais que pareça de difficil gestação; mas opõe-se imediatamente um argumento formidavel: — E a despeza? quantos milhares de contos seriam necessarios?

Muitos, é evidente. Mas aí está uma contribuição, a que se pague para saldar tal despeza, que se satisfaria provavelmente sem relutancia, e muito mais justificavel do que varias outras a que nos obrigam. Somem-se estas parcelas: dinheiro gasto em agua de mesa comprada aos garrafões, o que se applica ás medidas de higiene agora preconizadas e ás que devem ser constantes para tornar inofensiva a agua da Companhia, o que se dispênde em medico e farmacia em caso de febre, e reconhecer-se-ha que a contribuição que se viesse a pagar para termos saúde não seria maior do que a que pagamos realmente para termos a doença canalizada no domicilio.

Em todo o caso é possivel que estejamos em erro.

### Livros



Só d'um livro, ou antes d'um folheto, temos que falar hoje: *A mulher portuguesa*, conferencia de Eduardo Schwabach Lucci, em teatros de Lisboa e do Porto.

Foi avisado o illustre escritor em a divulgar pela imprensa. Assim se conservará, quando a memoria falhe, um bom trabalho a que tem de recorrer muitas vezes homens e senhoras: eles, para em ocasião de descrença se revigorarem nos exemplos da parte da humanidade mais aparentemente debil, elas para continuar a tradição, guiando, amando e perdoando.

ACACIO DE PAIVA.

(Ilustrações de HYPOLITE COLLOMB).

# A ALMA DO 'POILU'

Jornaes das trincheiras

412: Jour de la Guerre

Dimanche 7 Novembre 1915

Le premier 10 cimes  
Nº 23

## Echo de Klaxon

Administrateur: Théophile Boyer  
 Circulaires: M. de la Roche - M. de la Roche  
 Rédaction: Compagnie des 253 T.M. S. P. H.  
 Impression: M. de la Roche  
 Directeur en Chef: M. de la Roche  
 Rédaction: M. de la Roche  
 Grand Organe Sportif et Antidérapant à l'usage des Vétérans Lourds.

O francez não perdeu na guerra as suas qualidades admiráveis de espirito. A grande catastrophe ensombrou-lhe ligeiramente o rosto — mas não lhe escureceu a alma. O puro, o amavel, o claro sorriso gaulez continúa florindo, atravez de todas as lutas, de todas as amarguras, de todas as vicissitudes, na França, patria eterna e amavel da graça e da ironia.

### Numero Special dédié aux dames.

com o perigo, feliz e contente, para não entristecer a França. Esse sorriso do soldado, que

combate e morre, explende entre o estoirar das granadas e o ribombar da metralha. O soldado sorri nas cartas que escreve da frente da batalha, animando com a piedosa comedia da sua alegria o desespero das mães, das noivas e das filhas. Nos seus espectaculos ao ar livre (e Paris vae conhecer dentro em dias, n'um grande saueu da Opera Comica, o teatro das trincheiras) a alma do poilu sorri na velha farça gauleza que o diverte, nos cantos heroi-

Une femme par pitié!!!



«Acceptons de bon cœur les risques du Destin!»  
 canta, entre a metralha, o poilu.  
 A harmonia d'esse sorriso esplendido, sor-

Le Samedi 06 10 - N° 6 - 15 Décembre 1915 et 15 Janvier 1916

L'ÉCHO  
du  
BOYAU

Uma mulher, por piedade!

riso heroi-  
co e subli-  
me, irradia  
da França  
ensanguen-  
tada sobre  
as ruínas da  
Europa. E'  
o sorriso da  
confiança e  
da ternura,

cos que o  
confortam,  
nos poemas  
patrioticos  
que o ani-  
mam. O  
soldado  
sorri nas  
encantado-  
ras blagués  
que a fanta-  
sia fran-  
ceza — a

o sorriso da fé e do sacrificio — o mais belo de todos os sorrisos humanos. A França morre e vence — com uma flor e uma canção na alma. E não é decerto esse o menos sugestivo de todos os segredos da simpatia espiritual que doira a sua historia e a sua perpétua mocidade.

Nas trincheiras, enterrado na lama, vendo a morte acenar-lhe, de todos os lados, o seu branco lenço de saudades, o soldado, extenuado pela fadiga, brinca



Le Canard Poilu  
Revue d'un jeune Bataillon de Chasseurs  
Ses Jours de la Guerre

Le Canard Poilu  
Journal du front, Hebdomadaire, Torsif et Antiboche.

entreter os ocios dos combates e das convalescencias.

Tenho aqui, na minha frente, n'este momento, uma mão cheia d'esses sorrisos da França guerreira. E' um masso de folhas manuscritas, copiografadas, impressas — os jornaes dos poilus. Acabo de os folhear com emoção. L'Echo de Klaxon, L'Echo des Guitounes, Le Cri de





Continuamos a lutar na Africa oriental com os alemães. Se nem sempre a sorte das armas nos tem sido favoravel, pelos processos traiçoeiros de luta que eles usam, pelas forças europeias e pelas armas aperfeiçoadas de que dispõem, o facto é que as nossas tropas já teem ganho triunfos e vantagens mais que suficientes para compensar qualquer desastre que se possa ter dado agora.

Ir á guerra só para dar, só para vencer, é pretensão que só pode caber em cerebros estreitos. Veja-se o que vae de vicissitudes, ha mais de dois anos, por toda essa enorme linha de combate que zigzagueia pela Europa, do ocidente ao oriente. Mesmo



1. Trincheiras de Namoto, margem direita do rio Rovuma.—1. general Gil, comandante da expedição; 2. major Laura Moreira, chefe dos serviços administrativos; 3. major Azambuja Martins, chefe do estado maior; 4. capitão medico Pena, adjunto do chefe dos serviços medicos; 5. capitão de Infantaria Joel Vieira, ajudante do general; 6. João Tierno, tenente veterinario, adjunto do chefe dos serviços veterinarios; 7. capitão de cavalaria Ferreira Silva, ajudante do general; 8. cabo indigena ordenança e interprete.

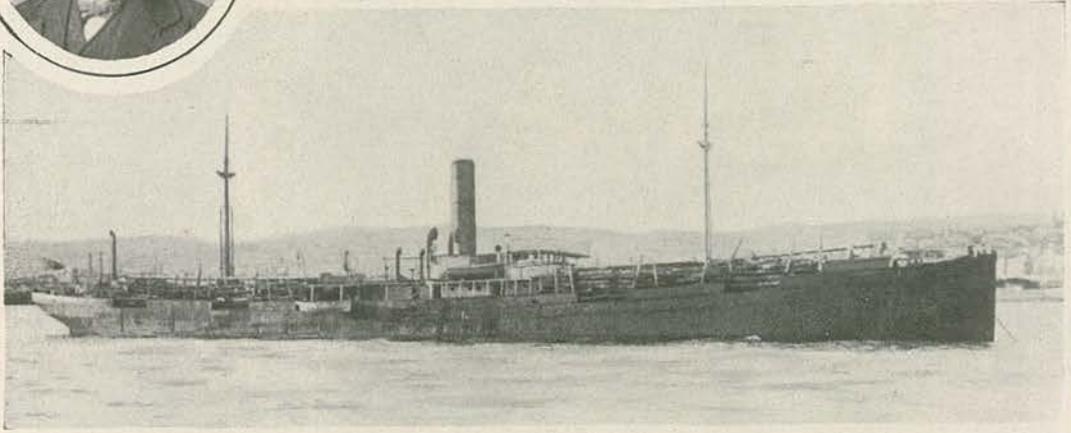
2. O general e o seu estado maior atravessando o Rovuma n'uma Jangada.



observando rigorosamente as proporções, ninguém tem deixado de concluir que as

comando do valente general Gil, continuam o seu avanço em Africa, que não póde deixar de ser lento para ser seguro.

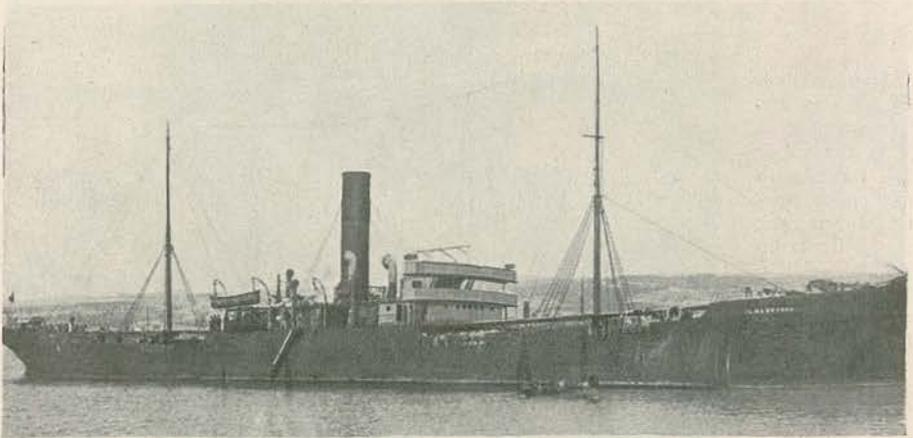
Em volta da travessia do Rovuma pelas nossas tropas, parece esguer-se uma discus-



1. O sr. Amancio José d'Azevedo, comandante do vapor *S. Nicolau*, ex-alemão *Dora Horn*. — 2. O vapor *S. Nicolau*, torpedeado no Mar do Norte,

nossas perdas em Africa tem sido relativamente diminutas, tão diminutas que ainda ha creaturas que supõem não se dizer a esse respeito toda a verdade, como se esta se pudes-se ou se devesse ocultar em casos taes.

As nossas tropas, sob o



3. O vapor *Iha do Fogo*, ex-alemão *Burgemeister*, metido a pique pelo vapor italiano *Campechi*, por motivo de abalroamento, no estreito de Gibraltar. — 4. O vapor *Mira*, ex-alemão *Rotandsec*, abalroado á saída de Huelva.

(Clichés Garcez).

são sobre se ella foi ou não oportuna. Ninguém melhor do que o insigne official que acomandou poderá dizer, para se resolver de vez uma polemica que vae semeando seus terrores. Até que se conheça o seu relatorio, não ha motivo de maior gravidade para desanimarmos.



**Torpedeamento do «Britania» nas costas portuguesas.**— Mais um vapor foi torpedeado nas costas portuguesas por um submarino alemão. Foi o «Britania», barco inglês que fazia viagens de Londres para Malaga e vice-versa, com escala por Gibraltar e Lisboa, cujo porto frequentava ha muitissimos anos. Os piratas meteram no fundo o «Britania» no dia 8 do corrente, a 30 milhas de Sinnes e a 68 a oeste de Vila Nova de Milfontes, unico porto de mar da nossa provincia alemtejana. A noticia produziu, como era natural, em todo o paiz a maior comoção, estre-



meendo todos os corações portugueses de odio contra as arremetidas selvagens e criminosas dos inimigos da civilização e do progresso. Os pobres naufragos, em numero de vinte e dois, abandonados no alto mar em fragéis barcos chegaram extenuados a Odenira, de onde vieram para Lisboa, entregues ao cuidado do consul de Inglaterra que lhes prestou os maiores desvelos. O seu comandante, porem, ficou prisioneiro a bordo do submarino e morreu um engenheiro e um fogueiro quando as caldeiras explodiram.

1. Grupo de marinheiros do vapor *Britania*.—2. Grupo de officaes.

(Clichés Benoitel).

## POEMA DE AMOR



Eduardo Schwalbach

observação e vincos de ironia, que nos ressaltam agora aos olhos espreitados contemplativamente n'aquelas formosas paginas. Schwalbach fez bem em fixar n'uma edição, que é magnifica, dos srs. Lelo & Irmão do Porto, uma das criações mais soberbas e características do seu talento de dramaturgo. Ha peças que devem ter uma divulgação mais ampla que a do palco. Algumas ha que, saídas d'ali, perdem o interesse, sem a vida, o calor, a materialização que lhes empresta a cena; outras, porém, possuem, no segredo da sua factura, um brilho que não precisa do relevo da boca alheia, o interesse de um verdadeiro romance, uma vida que se sente pulular mesmo fóra do palco. O «Poema de Amor» é essa peça por excelencia.

Conhecedor como poucos do teatro, Schwalbach poz-nos sobre o proprio palco um aspecto frisante do que este é com o pano caído. Tantas vezes tem ele trans-

A eitura do «Poema de Amor» não nos causou prazer espiritual menos intenso do que a sua representação no «Republica.» Ao ouvido haviam-nos escapado muitas belezas de fórma, finuras de

plantado para ali o revoltear caprichoso da vida social nos seus costumes, nas suas paixões, nas suas coisas graves e nas suas coisas ridiculas, até que uma vez nos surpreendeu, ao levantar do pano, com a vida do proprio teatro, vida tão sua, tão cheia de contrastes e de imprevistos, que mais parece estarmos a espreital-a dos bastidores, sem que ninguém nos veja, do que a vê-la do nosso logar da platêa, confundido com o resto dos mortaes.

E que medonhas são as paixões na gente da arte! Parece que esta lhes serve de cadinho, sublimando-as, requintando-as. Aqueles homens e aquelas mulheres, que julgavamos um pouco imunizados dos estragos das grandes paixões, á força de escarpelísarem as dos outros, de as vestirem e despírem todas as noites, também teem as suas, tempestuosas a valer. Quem sabe quantos deles, e em que circunstancias tragicas, não teem sido victimas d'esse amor, que eles encarnam em si para distração do publico e de que se riem talvez depois, como se estivessem livres de cair nos mesmos lances dramaticos, nos mesmos ridiculos, nas mesmas piéguices morbidas!

E, portas a dentro do teatro, não é só o amor que refina, infiltrando-se na arte: são as emulações, as invejas, a critica, as coisas pequeninas da vida.

A obra de Schwalbach é verdadeiramente magistral. O «Poema de Amor» é, quanto a nós, a quinta essencia do seu longo, avultado e glorioso trabalho de dramaturgo, emi-

nentemente nacional. Por isso folgamos que ele fôsse impresso. E' limitado o numero dos que o viram ou podem vêr ainda representar, em relação ao d'aquelles que o desejam ou podem ler. Que o «Poema de Amor» se espalhe, pois, por todo o paiz. Se para Senwalbach é mais um triunfo legitimo, para nós é orgulho tambem legitimo o vermos devidamente apreciado um dos nossos monumentos literarios dos ultimos tempos, mais bellos e magistralmente traçados.



Uma scena do «Poema de Amor»

ra nós é orgulho tambem legitimo o vermos devidamente apreciado um dos nossos monumentos literarios dos ultimos tempos, mais bellos e magistralmente traçados.

A. M. de F.

# Teatro Republica



O teatro Republica apresenta este ano uma companhia, unica entre nós. A par das mais preciosas reliquias do teatro lidimamente portuguez, figuras alás ainda pujantes, vêem-se n'ela rapazes que

espirito organisador, aos quaesonosso teatro deve grandes progressos. E' indispensavel fazer escola; e, sem a comunhão de professores e de discipulos nos mesmos trabalhos,



são verdadeiras promessas, pelo seu talento, pelo seu estudo, pelo seu amor á arte. O sr. visconde de S. Luiz de Braga provou mais uma vez o seu alto criterio artistico e

nos mesmos ideaes, nos mesmos interesses, é que não a pode haver, verdadeira. A temporada do Republica deve ser brilhante com esta bela companhia e com a illustre direção de quem a organisou.



1. Chabi Pinheiro. 2. Ferreira da Silva. — 3. Augusto Rosa. — 4. Eduardo Brazão. — 5. Carlos de Oliveira. — 6. Alfredo dos Santos, administrador do teatro. — 7. Visconde de S. Luiz de Braga. 8. Luiz Cardoso, secretario da empresa. — 9. Jorge Grave. — 10. Francisco Judicibus. — 11. Robles



da Simões. — 18. Angela Pinto. — 19. Jesulna Saraiwa. — 20. Barbara Wolkart. — 21. Alda Agular. — 22. Laura Hirsch. — 23. Bertriz Vianna. — 24. Francisco Sena. — 25. Menezes e Almeida. — 26. João Gaspar. — 27. Julio Candelra. — 28. Beatriz



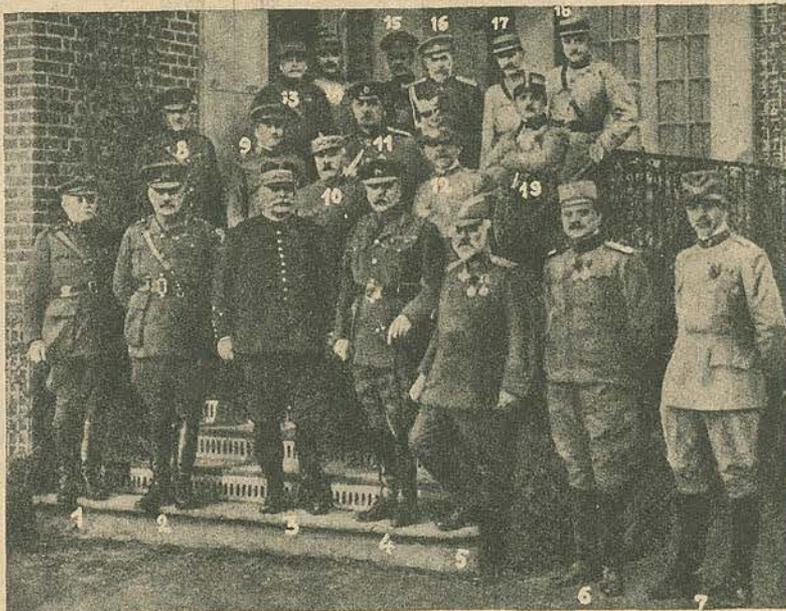
Monteiro. — 12. Teodoro Santos. — 13. Tomaz Vieira. — 14. Manuel Rocha. — 15. Luz Veloso. — 16. Emilla de Oliveira. — 17. Lucin-



de Almelda. — 29. Paz Rodrigues. — 30. Carmen Marques, que se estreou n'este teatro.

# O VELHO MUNDO EM GUERRA

Dissemos em o nosso numero anterior, feito com a antecedencia de todas as publicações d'esta natureza, que, talvez, quando ele saisse, já Bucarest, capital da Romenia, estaria em poder dos austro-alemães. Segundo os autorizados criticos militares, os romenos tinham de abandonar a cidade. Se assim o não fizessem, sacrificariam o melhor do seu exercito, sem que esse sacrificio lhes aproveitasse em coisa alguma. Perante a onda inimiga que havia dias vinha esboçar-



**O novo conselho de guerra dos aliados no grande quartel general francez.**—1. General Wlelemans, belga; 2. Sir Willlam Robertson, inglez; 3. General Joffre; 4. Sir Douglas Haig, Inglez; 5. general Ratchitch, servio; 6. Coronel Pachitch, servio; 7. Coronel Tellini, Italiano; 8. General Maurice, Inglez; 9. Coronel Nagai, Japonex; 10. General Castelnau, francez; 11. General Dessim, russo; 12. General Porro, Italiano; 13. General Pelicé, francez; 14. General Palitzine, russo. 16. Coronel Pantechevko, russo; 17. Major Moyrand, francez; 18. Major Thouzellier, francez; 19. Coronel Rudeanu, romeno.

do um cerco em volta da cidade, arrazando-lhe todas as fortificações avançadas, era fatal a rendição.

Romper esse cerco correspondia ainda a uma vitória. E romperam-no. As forças da retaguarda, que cobriram a retirada do grosso de exercito, tiveram de travar duros combates com o exercito inimigo, perdendo muita gente

e parte do material de guerra. Tiveram tambem de abandonar a linha de Sinalia a Bucarest, mas con-



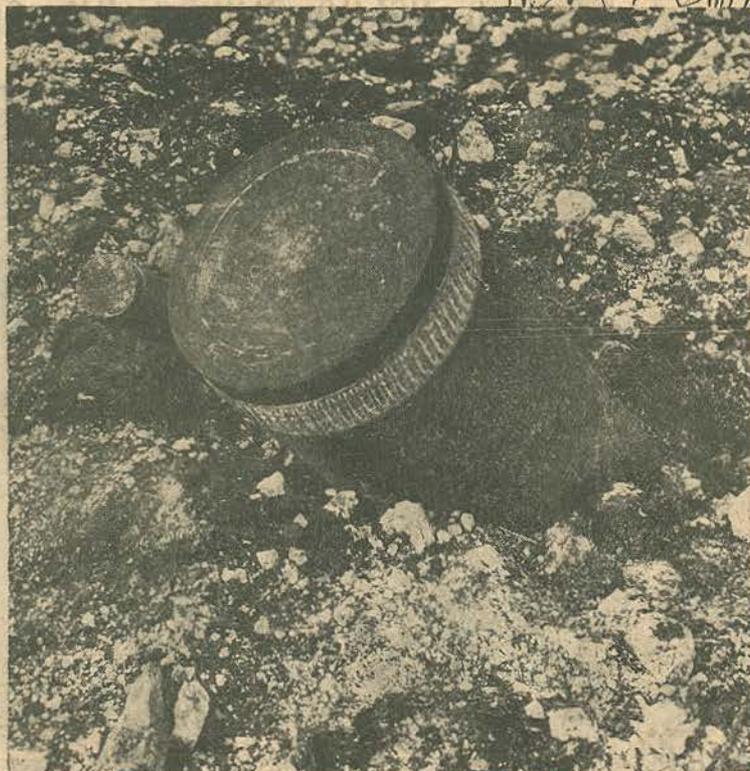
**Na linha dos aliados.**—Uma grande montanha de envolveros vastos depois de um combate

servam o seu exercito ainda em circunstancias de se bater com exito e de conseguir compensações ao que perderam.

Supõem os pessimistas que com a perda de Bucarest se podem considerar terminadas as grandes operações na Romenia, cujo insucesso não lhes oferece duvidas. Talvez se enganem. O comando do seu exercito emprega os maiores esforços, sob a inspiração do general Berthelot, para reunir todos os contingentes dispersos e os que batem em retirada e fazer face, nas melhores condições possíveis, ao avanço de Falkenhayn. Este e o seu estado maior não têm apenas a preocupação de avançar para o sul, inebriados no sonho de entrarem um dia em Salonica, é também, visivelmente, do seu plano a perseguição do exercito romeno, obrigando a aceitar uma grande batalha para lhe inutilisar todos os meios de resistencia sobre o seu territorio e evitar que ele se possa reconstituir e o venha a hostilisar n'outro ponto da sua marcha para o sul.

Ainda ha a contar tambem com a ofensiva russa, que, embora tivesse recuado com o flanco esquerdo rome-

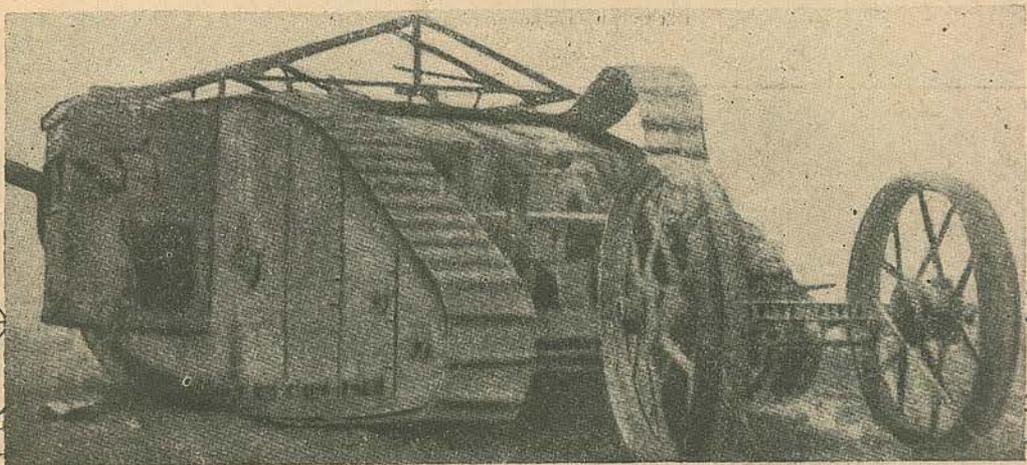
no, por ocasião da perda de Bucarest, já conseguiu reter o inimigo na linha de Gerbouzós a Goukalowce.



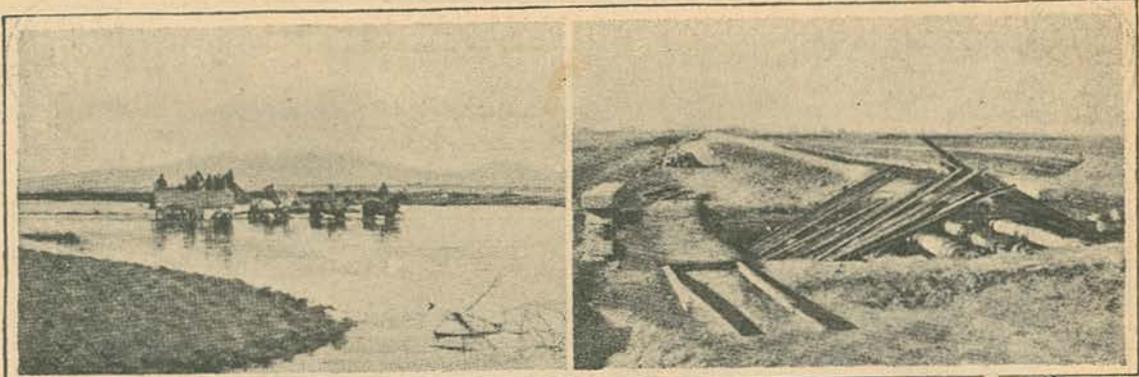
1. Grande granada alemã que não chegou a explodir. Ao lado d'ela vê-se outra mais pequena, chamada nas trincheiras um *murro que zunc.*—2. Um bufarlnheiro exhibe a sua mercadoria nos arredores de Salonica.



A rainha da Belgica n'uma trincheira sobre o Yser



O automovel blindado Ingles *Tanks*, um dos mais terríveis metos de combate



*Em Monastir.*—Um caminho inundado ao sul de Kenall.

Uma das pontes de Monastir cortada pelos bulgá-  
garos na retirada.

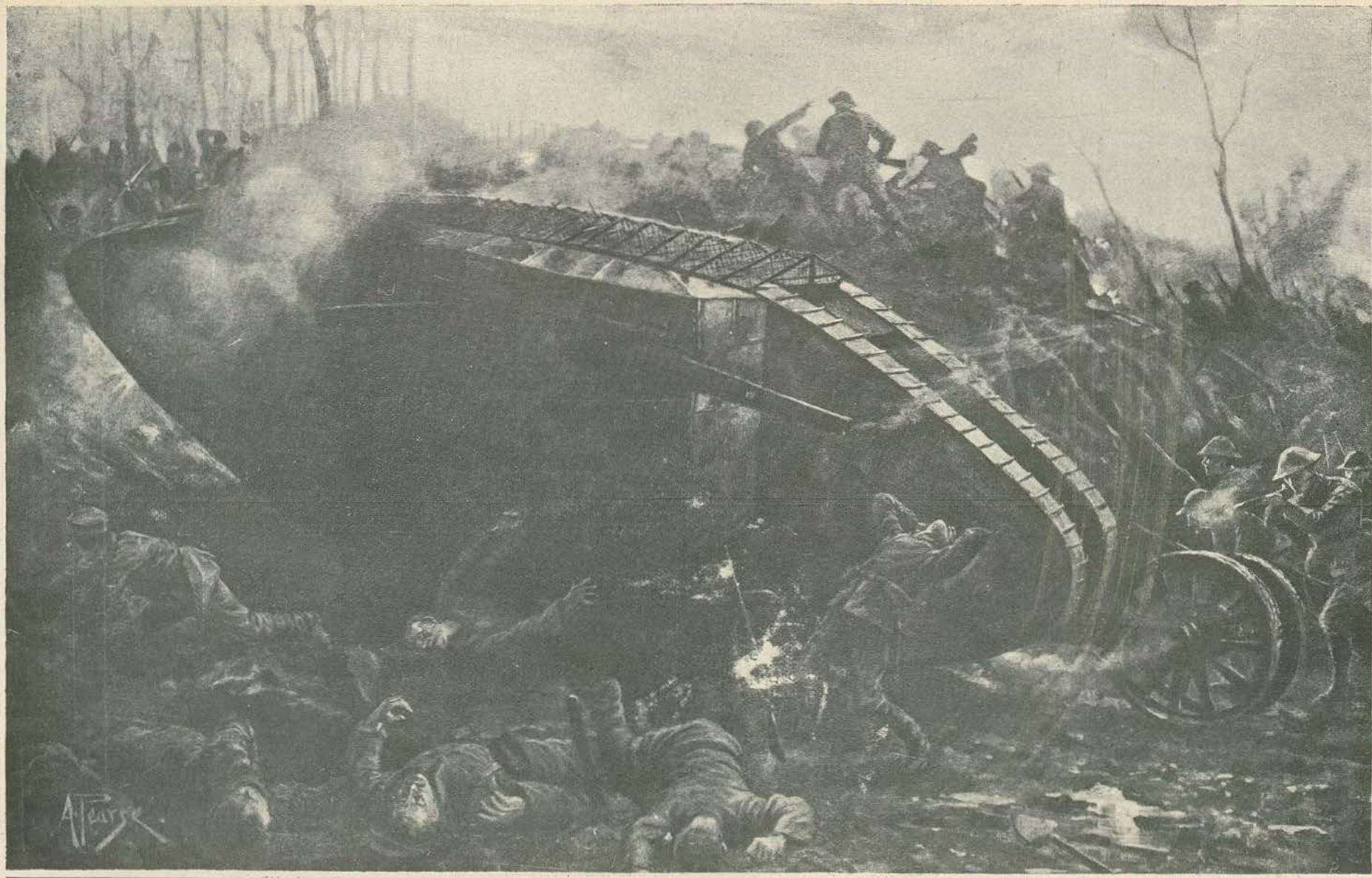


Um trecho da grande praça de Monastir



A aldeia de Verbeni que esteve sob o fogo das artilharias  
francesa e bulgara nos ataques contra Petorak.

As populações das aldeias ao sul de Monastir acolhendo-s  
às linhas francesas.



O Tank, a poderosa máquina de guerra, invenção Inglesa, em ação.—(The Illustrated London News).

## Morte de Emile Verhaeren

Morreu o grande poeta belga Emile Verhaeren. O autor das «Villes tentaculaires», das «Aubes» e do «Multiple splendeur», foi vítima de uma queda quando em Rouen subia para um comboio em andamento, ficando sob as rodas, que o feriram horrivelmente, sendo retirado já quasi moribundo. A notícia do desaparecimento do notavel poeta penalizou consideravelmente os conhecedores da sua grande e admiravel obra, não só no seu paiz mas em todo o mundo culto onde o seu nome refulgia como astro de primeira grandesa.

Emile Verhaeren, embora flamengo, poz na sua arte toda a ternura, todo o brilho, todo o esplendor que animam e tornam imortal a arte literaria dos povos latinos e possuia, como os seus compatriotas Rubens e Jordaens, um sentimento de colorido magnifico, aplicado sempre aos motivos de uma civilização e de um mundo modernos, em versos admiraveis, cada um dos quaes é um hino triunfal e amoroso, surgindo serenamente da alma para a vida.

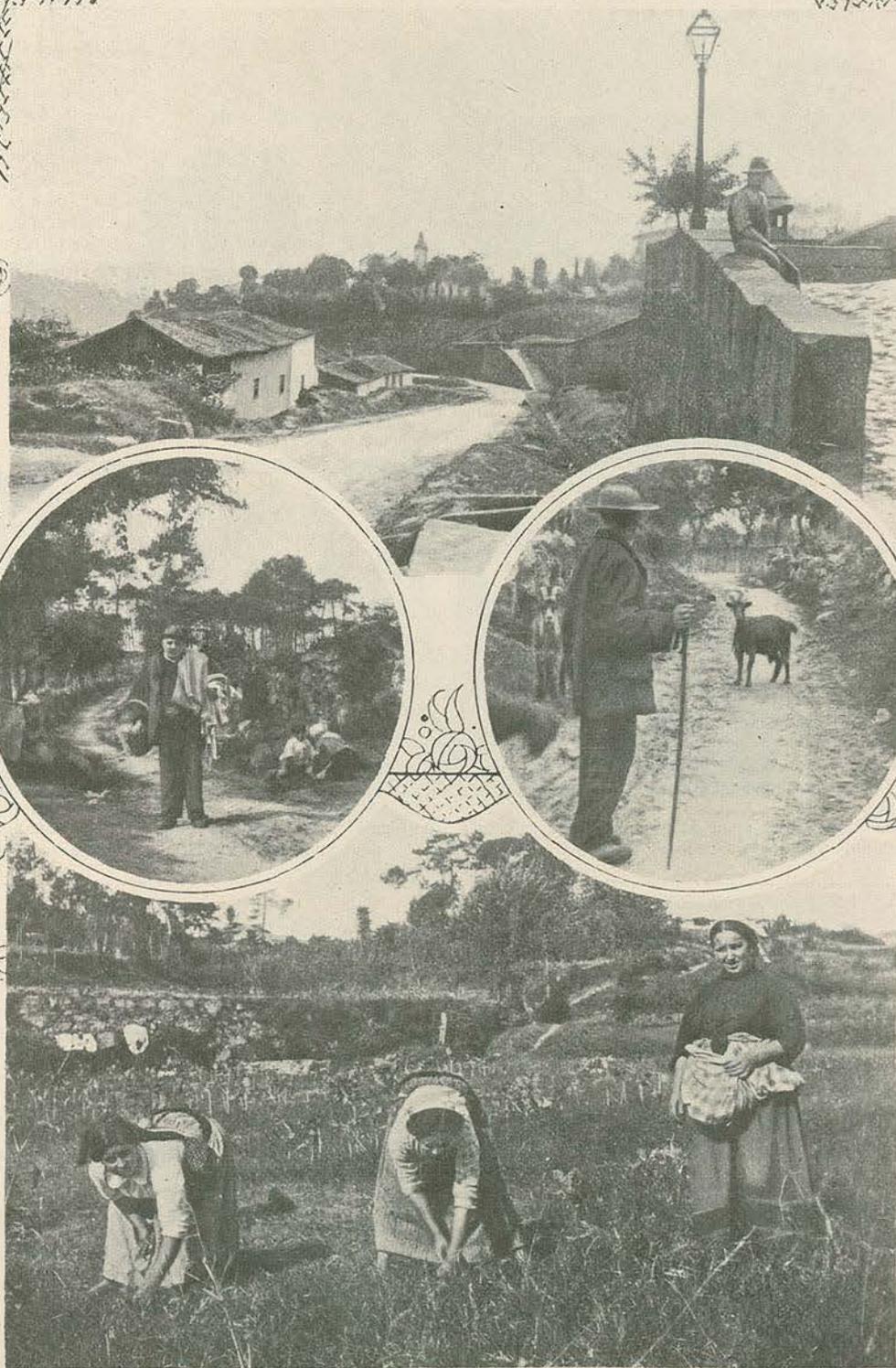
Nas «Visages de la vie» e nas «Forces tumultueuses», o eminente poeta inspirou-se para os seus cantos na vida intensa e fecunda das cidades de hoje, medindo-as

pelo estremeamento dos povos e pelo ritmo dos mundos. Toda a sua alma, repetimos, era admiravel, e por isso a sua falta é enormemente sentida em todo o mundo culto.



1. Emile Verhaeren.—2. A rainha Isabel da Belgica e o grande poeta nacional Emile Verhaeren, sobre a ultima praia livre da Belgica.

# PORTUGAL PITORESCO



*Porto.*—1. Um trecho da circumvalação. Ao fundo a igreja de Campanhã.—2. Vendedor ambulante.  
3. Guardando cabras.—4. Cegando erva  
(*Cuchês* do distinto fotógrafo sr. Antonio Magalhães).

# A pesca da sardinha



Hoje tudo se disputa e aproveita para alimentação do pobre e do remediado, até a «petinga.»

D'antes, quando chegavam os barcos com peixe ou as redes se despejavam na areia, ainda por aqui e por ali ficavam uns peixes

Nem a sardinha é já hoje o tradicional alimento do nosso pobre, tão caro está tudo e tão exgotado parece o proprio mar, havendo pontos onde o saboroso peixinho, outrora abundante, escasseia terrivelmente de dia para dia. Já lá vae o tempo em que a «petinga,» a brilhar na canastra,

ainda humida da agua de que saira, era relegada aos gatos ou aos pescadores de linha para isca.

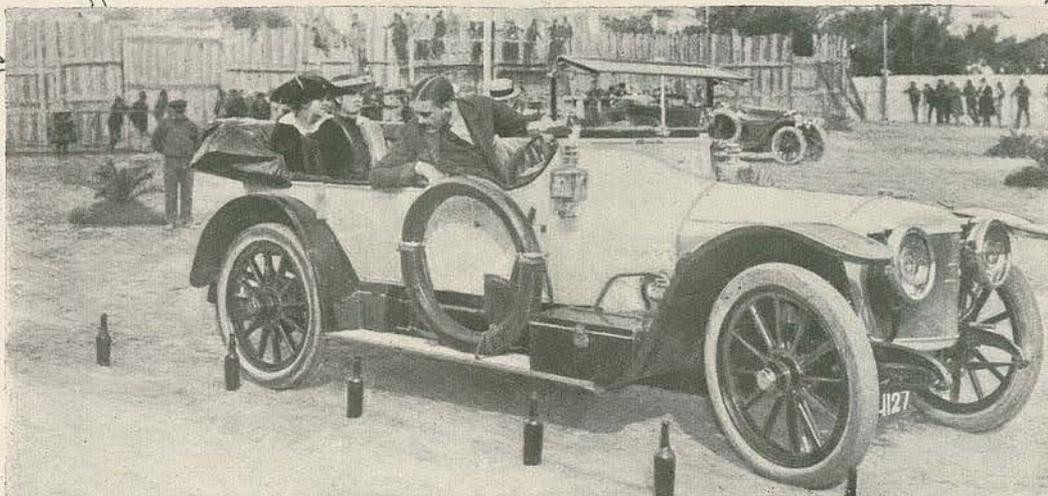
pequenitos, que ninguem se incomodava a apanhar; hoje nem uma escama fica esquecida na praia!



1. A chegada da sardinha. — 2. Lavando a sardinha. — 3. Partida para a pesca.

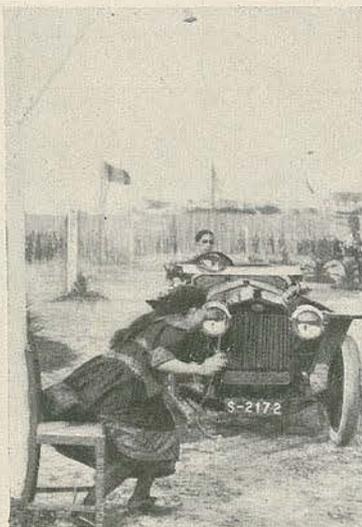
(Clichés do distinto amator, sr. A. Lobão, Matosinhos).

## Gymkhana de automoveis no "Stadium" de Lisboa



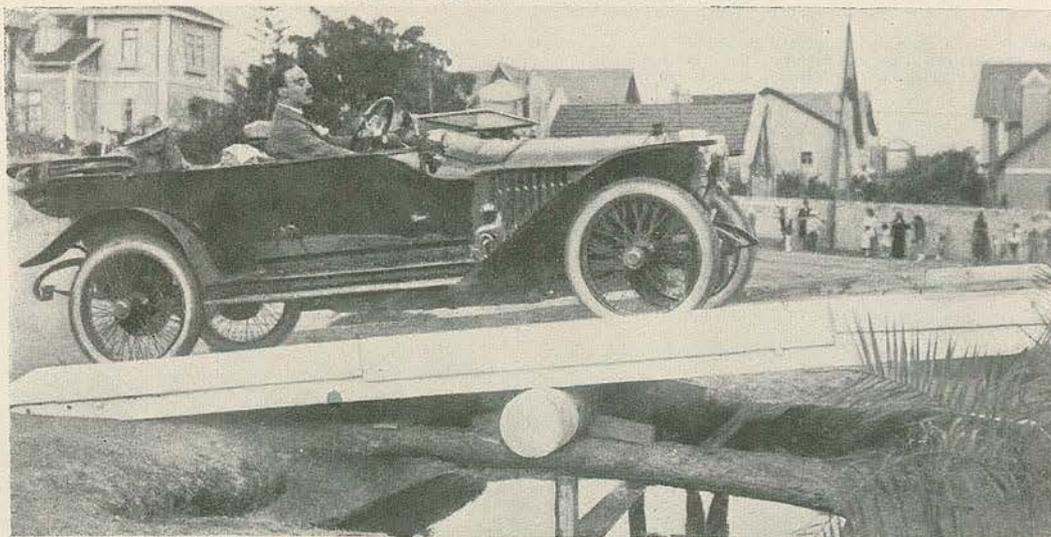
O sr. Miguel Anadlla fazendo

Um dos *sports* mais desenvolvidos entre nós é o do automobilismo. O *spot* automobilístico é um dos mais enraizados em Portugal — um dos mais enraizados e dos mais ricos. Mas o *spot* não é apenas a audacia, o sangue frio, a energia, a fôrça — é também a dextreza, a alegria, a agilidade e a graça. E', por isso, que as grandes provas *sportivas*, que são os concursos do vigor e



o obstaculo das garrafas

da pericia, se juntam, em toda a parte, os certamens da elegancia, da jovialidade, da fantasia. E' o que são as *gymkhanas*. Uma *gymkana* de automoveis não é outra coisa. Prova de bom humor, de recreio, de mocidade, os organizadores da *gymkhana do Stadium* capricharam em a tornar sensacional, como um divertimento que é, sem deixar de ser uma demonstração de dextreza fisica.



2. O sr. Arthur Mimoso e «Mademoiselle» Sereira, vencedores do ultimo *Gymkhana*.

3. O sr. Sebastião Teles no trampolim.

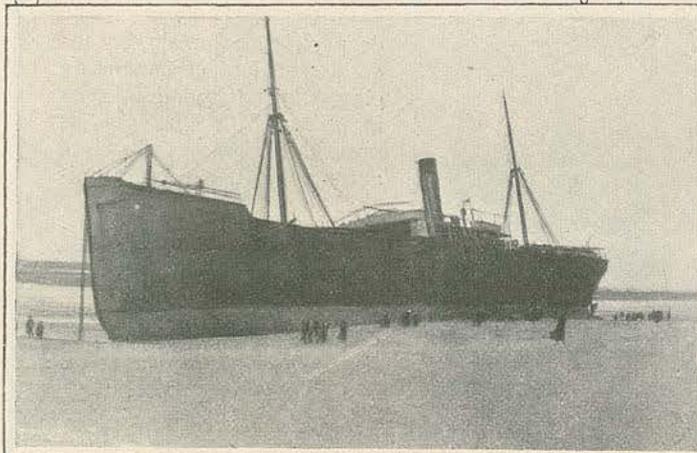
## FIGURAS E FACTOS



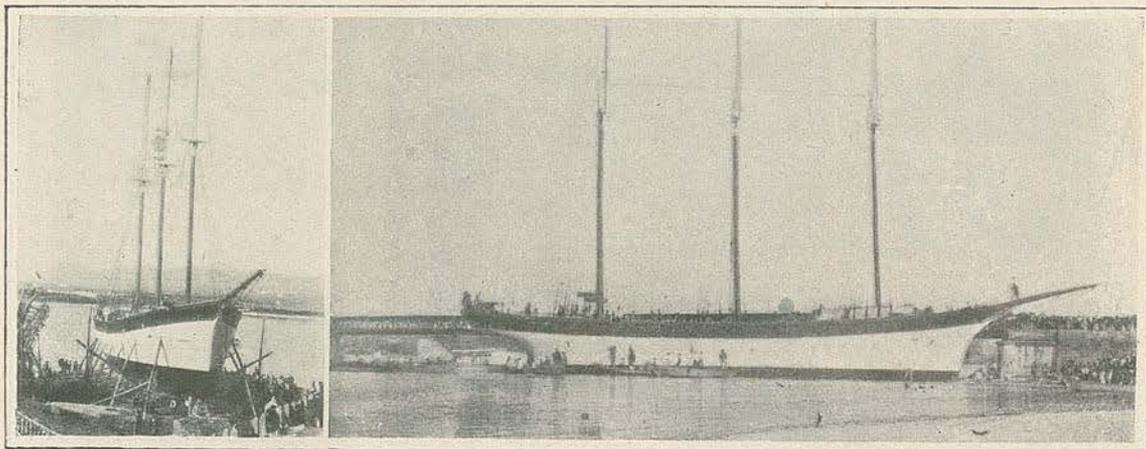
**Carlos Silva.** — Faleceu em Lisboa um dos mais distintos e apreciados colaboradores da «Ilustração», que ainda na capa do ultimo numero publicou um «cliché» da sua casa, a «Fotografia Brazil», aonde ele soube atrair, pelo seu trato distinto, pela perfeição e seriedade dos seus trabalhos, uma larga clientela de entre a primeira sociedade lisbonense, tendo tomado parte em varias exposições com o maior exito.



**Dr. Eugenio Doyen.** — Foi uma grande perda para a França e para o mundo inteiro a morte do dr. Doyen, o insigne homem de ciencia, a quem a cirurgia moderna deve as suas inovações mais importantes. A clinica especial que ele estabeleceu em Paris, e onde tantos doentes, da França e de todo o mundo, deveram a vida a admiraveis operações, veiu a converter-se n'um verdadeiro instituto, frequentado pelos mais cotados clinicos.



1. O vapor *Desertas*, naufragado na manhã de 19 de novembro ao sul da praia da Costa Nova.—2. No convez do vapor *Desertas*.—Da esquerda para a direita: José Domingos da Rosa, imediato; José Guerreiro Jorge, comandante; Antonio Gomes Ferreira, 1.º maquinista, e Belmiro Fernandes Moraes, 2.º piloto.—(Clichés do sr. Arnaldo Ribeiro).



**Fão.**—3. Lugre *Lidia*, pertencente ao sr. J. J. Gouveia, do Porto, na ocasião de ser lançado á agua.—4. O lugre *Lidia*. (Clichés do distinto amator sr. Borda Junior).



1. O sr. dr. Francisco Vieira de Souza Rego, presidente da camara municipal de Alvaizere, onde faleceu.—2. O sr. José da Fonseca Videiro, falecido em Lisboa, esposo da sr.<sup>a</sup> D. Lucinda da Fonseca Videiro e sogro do nosso prezado amigo e distinto colaborador artistico sr. dr. José Augusto Fernandes, a quem a «Ilustração Portuguesa» apresenta o pésame.—3. A sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição de Jesus Moreira, falecida em Paço d'Arcos, onde era muito estimada pelas suas brilhantes qualidades.—4. O sr. Henrique Tavares Horta, coronel de infantaria 8, aquartelada em Braga, que alli se suicidou, deixando na maior consternação os seus camaradas, que muito o consideravam.—5. O sr. dr. Antonio Fernando Pires Padinha, falecido em Tavira, onde exercia a medicina e era presidente da camara municipal.



Os noivos

**Exposição Nacional de fotografia.**—No palacio das Belas Artes, á rua Barata Salgueiro, realisou-se a abertura da primeira exposição nacional de fotografia, que tem sido muito visitada e admirada pela nitidez dos trabalhos expostos.

N'essa exposição apresentou o sr. Alfredo Kenesly Falcão, das Caldas da Rainha, o retrato da sr.<sup>a</sup> D. Maria Margarida Franco dos Santos, o qual reproduzimos n'esta pagina, e que lhe mereceu menção honrosa.



Os noivos á saída do templo.—Clichés do nosso distinto colaborador artistico sr. Augusto Soucasaux, de Barcelos.

**Casamento elegante.**—Na parochial de Nasperreira (Guimarães) casou-se o sr. dr. José Julio Vieira Ramos, illustre presidente da comissão executiva da Camara Municipal de Barcelos, d'onde é natural, com a distintíssi-

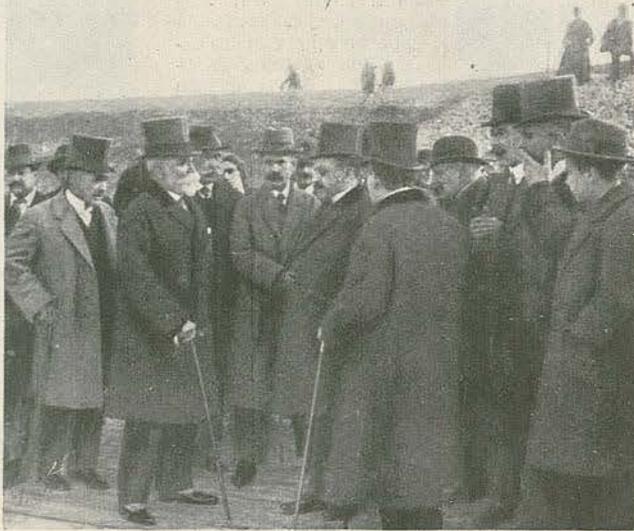
ma vimaranense, sr.<sup>a</sup> D. Beatriz Monteiro Meira, filha do abalizado medico d'aquella cidade sr. dr. José Joaquim de Meira. O ato religioso foi presidido pelo sr. arcebispo de Braga.



O sr. presidente da República encaminhando-se para o local onde vai ser construído o novo edifício, tendo à sua direita o sr. dr. Pedro Martins, ministro da Instrução, e à esquerda o sr. Freire de Andrade, presidente da comissão administrativa das obras.

**Escola Normal de Lisboa.** — Nuns terrenos junto á estação do caminho de ferro de Bemfica, realisou-se a cerimonia da inauguração da pedra fundamental do novo edificio destinado á Escola Normal que só oferece desvantagens no sitio em que vai ser construído.

A esse acto assistiram o sr. dr. Bernardino Machado, presidente da República, que era acompanhado



O sr. presidente da República conversando com varios convidados

O lançamento da primeira pedra pelo sr. presidente da República.

pelo seu secretario o sr. Luiz Barreto da Cruz, e os srs. dr. Pedro Martins, ministro da instrução; Freire de Andrade, presidente da comissão administrativa das obras; dr. Lopes Fidalgo, governador civil de Lisboa, e muitos funcionarios do ministerio de instrução, entre os quaes o sr. dr. João de Barros, director geral, e uma deputação do Albergue das Crianças abandonadas, com o seu director, sr. Alexandre Morgado.

A guarda de hon-

ra foi feita pela guarda republicana.



A sr.<sup>a</sup> D. Clotilde da Cunha Santiago e o sr. Eurico Eduardo Rodrigues Nogueira, consorciados recentemente na paroquial igreja da Pena, de Lisboa.

(Clíchés Benoliet).

**CIGARROS DE ABYSSINIA**  
**EXIBARD**  
*Sem Opio nem Morphina.*  
 Muito eficazes contra a  
**ASTHMA**  
 Catarrho, Oppressão  
 35 Anos de Bom Exit.  
 Medalhas Ouro e Prata.  
 H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C<sup>os</sup>  
 6, Rua Dombasle  
 PARIS  
 L. BOAS PHARMACIAS

**Perfumaria**  
**Balsemão**  
 141, RUA DOS RETROZEIROS, 141  
 TELEPHONE Nº 2777-LISBOA



PARA ENCADERNAR A

**"Ilustração Portuguesa"**

Estão a venda bonitas capas em percaline de fantasia para encadernar o primeiro semestre de 1916 da «Ilustração Portuguesa». Desenhos novos de ótimo efeito.

Preço: 400 réis

Também há, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importância pôde ser remetida em vale do correio ou ordens postaes. Cada capa vai acompanhada do índice e frontispício respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO "SECULO"

Rua do Seculo, 43  
 LISBOA



FOTOGRAFIA

*Rentlinger*

A MAIS ANTIGA DE PARIS  
 AS MAIS ALTAS RECOMPENSA-  
**21, Boulevard Montmartre**

PARIS

TELEFONE: Gutenberg 42-09

«CENSO»

*Lêr na proxima quarta-feira*

**Suplemento de MODAS & BORDADOS**  
 D'O SECULO

Secções de: Modas, Corresponalencia, Figurino e Bordados.

**INTERESSANTES CONCURSOS**

**Companhia do PAPEL DO PRADO**  
 Sociedade anonima de respons. limit.

Acções.....	300.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e amortisa- ção.....	206.400\$000
Reis.....	830.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobrinhinho (To mar), Penedo e Casal de Hermio (Lousã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instalada para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276  
 PORTO — 49, R. de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto  
**Companhia Prado.** Numero telefonico  
 Lisboa. 605—Porto. 117.

**CHA HORNIMAN**

TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM  
 TODOS OS GENEROS *Fazem-se nas oficinas da*  
**"ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"**  
 RUA DO SECULO, 43—LISBOA

○ Epil'vite  
 ○ Epil'vite  
 ○ Epil'vite

CRÈME  
 DEPILATORIO  
 pronto a empregar.  
 Efeito garantido.  
 Perfumado. Tira  
 rapidamente, a  
 penugem, barba, os  
 pelos mais rijos da  
 cara e do corpo.

Não produz nem borbulhas nem vermelhidão, não irrita a pele. — Envio discreto e franco contra vale do correio de \$80 centavos.

REPRESENTANTE: JULES DELIGANT  
 15, Rua dos Sapateiros — LISBOA

# COLGATE'S TALC POWDER

## Pó de Talco COLGATE

(COLGATE'S TALC POWDER)



Substitue com grandes vantagens o pó d'arroz

**INDISPENSÁVEL NA HIGIENE  
DAS CRIANÇAS E NA TOILETTE DOS ADULTOS**

Encontra-se em todos os bons estabelecimentos que também vendem sabonetes, perfumes,  
loções, elixires dentífricos, crêmes etc. d'esta acreditada marca americana.

Contra 6 cent. em estampilhas será enviada uma amostra  
pelos Agentes Geraes

**SOCIEDADE LUZO-AMERICANA DOS ESTABELECIMENTOS**

**GASTON, WILLIAMS & WIGMORE, Lt.<sup>DA</sup>**

R. da Prata, 145

Telefone: Central 4096 LISBOA



SUPLEMENTO  
HUMORISTICO DE

O SÉCULO

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Limit.º

Dirêtor: ACACIO DE PAIVA



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SÉCULO, 43—LISBOA

## A SANGRIA



—Pique, sr. doutor, mas para a tuberculose parece-me tratamento contra-indicado...

## PALESTRA AMENA

## A loteria do Natal

Está por pouco; mais cinco dias de espétativa e o leitor saberá se pode passar o resto dos seus dias sem preocupações de dinheiro ou se deve resignar-se á pelintrace em que vivem os cinco milhões de pessoas encerradas no quadrilátero irregular que pega em dois lados com a Hespanha e nos outros dois com o Atlantico.

Nós—para que havemos de o negar? —estamos habilitados. Comprámos uma cautela, sim, senhores. Andamos ha uns poucos de mezes a fazer economias, deixámos de fumar, abandonámos outras extravagancias que não nos eram indispensaveis e conseguimos, finalmente, juntar o bastante para comprar uma cautela, com a certeza absoluta de sermos contemplados.

Estamos já a vêr o veu de tristeza que vos encobre o semblante, leitor amigo, prevendo o resultado do formidável acontecimento. Julgaes, decerto, que uma vez nadando em riqueza abandonaremos todo o trabalho obrigatorio e por consequencia ficareis privado desta cronica que semanalmente vos seringa com delicia. Não, carissimos: aqui protestamos solenemente, aqui juramos pelo que maior respeito nos merece—as convicções hereticas do sr. Faustino da Fonseca, o amor do sr. Levy á presidencia do municipio, os interesses da Companhia do Gaz e a dureza tenebrosa do pão de quatro e meio—juramos que jámais abandonaremos o logar que honrosamente desempenhamos neste semanario, porque assim vos abandonaríamos á mercê de errados juizos. Nunca vos faltará, por mais Monteiro Milhões em que nos convertamos, a luminosidade do nosso criterio e do nosso conselho.

Sim, porque se somos asperos, como a Justiça, somos tambem bondosos, como o Evolucionismo. Quem havia de vos preve ir contra a exploração politica, contra o jogo criminoso de vos chamarem a atenção para certo facto a fim de vos ocultarem outro, contra a apparencia de honestidade mascarando pouca vergonha, contra a pseudo-sinceridade de promessas sem intenção de se cumprirem? Sabemos o que devemos a quem nos lê e não é o interesse material que com estas cronicas buscamos, mas a satisfação do proprio dever, o jubilo intimo, que não quer aplausos senão os da nossa consciencia.

E tão longe levamos a bondade que, embora desejemos ardentemente que a sorte grande nos saia a nós, fazemos votos fervorosos por que ella tambem saia a todos os portuguezes, amigos e inimigos, não deixando um unico dos numeros da loteria de ser premiado com os 240 contos—ou fração apreciavel.

José Neutral.

## NAMORO DE GARGAREJO

Ela—Sabes o que agora me apetece, meu lindo amor?

Ela—Vê lá o que dizes: olha que a mamã está aqui atraz de mim para exercer a censura.

## A criada do Marques

O talento do Marques como que irradiava, comunicando-se ás pessoas que com elle mais de perto convivem. Temos já revelado rasgos de genio da esposa e dos filhos do Marques; hoje cabe a vez á criada d'este grande homem, mulher que veiu da provincia ha pouco tempo, d'uma rudeza primitiva que desapareceu, substituida por uma fulgurante intelligencia logo que entrou ao serviço do Marques.

Como faltem dois dentes da frente á dita rapariga, o Marques aconselhou-a ha dias:

—O' mulher: porque é que você não vai ao dentista para lhe pôr esses dois dentes?

A cachopa:

—Não vou, meu senhor.

—Mas por quê? fazem-lhe falta para falar, para comer...

—Bem sei.

—Depois, vossê, segundo já me disse, tem dinheiro.

—Tenho, graças a Deus.



—Então não percebo a sua teimosia. Ponha os dentes, mulher.

—Eu lhe digo, sr. Marques; não ponho, porque se *calhasse* caíam-me outra vez. Isto é de *côlidade*!

Se imaginam que esta criada não existe, estão muito enganados. Depois de sair de casa do Marques esteve ao serviço da atriz Lucinda do Carmo. Perguntem-lhe, que ella não nos deixará por mentirosos.

## Está mole

São poucos todos os elogios que se façam ás capacidades que se alapardam nos membros do governo que preside aos nossos luminosos destinos; algumas más vontades teimam em que elle pouco ou nada tem feito para remover ou atenuar as difficuldades que nos rodeiam, mas não passam de más vontades ou de cegueira inexplicavel.

Capacidade, talento, patriotismo, tudo isso elle possui em abundancia.

—Mas que tem feito a sua maioria? Nada, bem se sabe. Mas por motivos independentes da sua vontade, isto é, por preguiça, que é o mal nacional.

Todas as manhãs o sr. Antonio José accorda com um grande desejo de trabalhar na resurreição nacional; mas toma um banho morno e logo bocejando, deliciado, resolvendo só começar a

pensar nas soluções ingratas dos numerosos problemas a resolver, quando entrar no automovel.

Entra, disposto a espavitar o cerebro. Mas os balanços do automovel são suas, as almofadas são comodas, e elle aí leva o caminho a espreguiçar-se e a



dormitar, reservando as cogitações para quando chegar ao seu gabinete.

Chega; está ali um sofásinho convidativo. O fogão aquece o gabinete consoladoramente. Uma caixa de excellentes charutos, tenta-o. Fuma, adormece...

Querem saber uma anedota a proposito?

Conhecemos um pianista notavel, que dava lições e com ellas ganhava bom dinheiro. Mas faltava á hora da lição, levantava-se tardissimo, tinha de fazer a digestão deitado—e os discipulos foram rareando. Por fim deu em afinador de pianos, mas um dia a miseria entrou-lhe em casa, porque ninguém o chamava, visto que raras vezes comparecia.

Encontrámo-lo ha um mez, no Rocio, lamentavelmente magro e esfarrapado. Tivemos por elle este dô imenso que nos caracteriza, e buscando um pretexto para encobrir a esmola, dissemos-lhe:

—Fazes o favor de ir agora lá a casa afinar o piano?

O desgraçado, de olhar indeciso e terno:

—Olha: eu ia, mas estou agora tão mole...

E' o defeito do governo. Está sempre mole.

## Livros, livrinhos e livrecos

**A escola — A bandeira portuguesa**—Envia-nos o sr. Augusto Dias de Figueiredo Guedes de Castro, de S. Cosme (Gondomar) os folhetos poeticos com a designação acima mencionada, de intuitos inegavelmente muito de apreciar. Registamos a oferta, agradecendo, e proclamando aos povos que S. Cosme não tem só como notaveis os nabos, mas tambem os versos do sr. Augusto Dias de Figueiredo Guedes de Castro, dos quaes, com a devida vénia, transcrevemos a ultima quadra da *Bandeira portuguesa*:

Vermelha, emfim, qual clamor de Liberdade  
—A vestal que o sagrado fogo patrio atica—  
Embraçando, altaneira, o broquel da Verdade,  
Empunhando na dextra o gladio da Justiça.

Ambos os pemas são illustrados com a fotografia dos paços do concelho de Gondomar, em tamanho reduzido.

## CONFERENCIAS CIENTIFICAS

(Para uso dos alunos dos liceus)

## O chapéu de chuva e o de sol

Podemos definir do modo seguinte o chapéu de chuva; é o chapéu de sol, quando o tempo está chuvoso. Vice-versa; chapéu de sol é o chapéu de chuva quando o tempo está de sol.

Conhecido assim o objeto de que me vou ocupar, passarei a descrever aos meus pequenos e inteligentes ouvintes a sua origem, importancia e tudo o mais que convem saber.

O chapéu de chuva, antes de ser o que é, foi bengala simplesmente, cuja existencia, como se sabe remonta á mais apagada antiguidade, pois foi primeiro usada por nosso pai comum, o chimpazé, ou o homem dos bosques, que a ela se encostava por ser fraco das pernas.

De posse de tal auxiliar, n'um dia em que chovia a potes, o homem reparou que a bengala de nada lhe servia contra as cordas de agua que o açoitavam. Tirou um lenço da algibeira, pô-lo na cabeça, imaginando que assim a livraria da molha, mas em breve se convenceu da inefficacia do remedio. Desesperado, agarrou no lenço e, para não encharcar a algibeira, em vez de o meter ali pendurou-o na ponta da bengala.

—Cá está o que me vai livrar da chuva! exclamou logo, atravessando-lhe o cerebro um raio de genio.

Inventado assim o chapéu de chuva, o de sol seguiu-se-lhe sem esforço, repetida a experiencia feita com o lenço.

E' claro que, com o andar do tempo se notou que um lenço não tinha o tamanho sufficiente para defender o individuo e, ainda lá mais para diante, se reconheceu que um pedaço de pano a bambolear na ponta de um pau só muito imperfeitamente servia de resguardo: d'aí a invenção das varetas.

Quanto á importancia do chapéu de chuva, basta que nos lembremos que foi ele, por assim dizer, o cetro do primeiro presidente que teve a Republica Portugueza. Mas, ainda ha mais: o Viatico, quando safa á rua, era sempre resguardado pela umbrela, chovesse ou não, estivesse sol ou não estivesse.

E encarando esse objeto sob o aspecto comercial, digam-me: como poderiam fazer negocio as lojas de chapéus de chuva se os não houvesse? esses pequenos galegos que por aí percorrem a cidade a gritar «*concerta tchapéus de sol*» como poderiam concertá-los se eles não existissem?

Agora, duas palavras sobre o mais que convem saber n'este assunto.

Quando fôrem a um teatro, a qualquer sitio onde concorra muita gente e tenham que deixar o guarda-chuva no bengaleiro, tenham mil cautelas quando o forem buscar, porque a troca é facilissima: se lhes derem outro não o aceitem se fôr inferior ao seu ou pelo mau estado ou porque seja de fazenda peor.

Aconselho a que, quando andem pela rua com o guarda-chuva fechado, debaixo do braço e a ponteira para a frente, nunca a metam pelo olho

## EM FOCO



## Jaime Cortezão

Tal como aconteceu no «Condenado» Quando fiz um soneto ao Gaio amigo, Tal acontece, Cortezão, comsigo, Este escrevo tambem anticipado.

Que o «Infante de Sagres» vai dar brado E' tão fatal como não termos trigo, Porém as profecias... o que digo E' que precisam do maior unidado.

E' vossê mestre na poesia amena Dispõe, bem sei, de inteligencia viva, Mas falta vêr o que dará em cena.

Satisfará ou não a espetativa? Não sei; como resposta entrego a pena Dando ao nosso «Jerolmo» alternativa.

BELMIRO.

de quem vier em sentido contrario, sem que em seguida peçam desculpa, para não passarem por mal educados. Se o levarem aberto e junto dos meninos passar outra pessoa tambem de guarda-chuva aberto façam o possivel por que sejam as pontas das varetas do seu que rasguem a fazenda do do parceiro e não as de este que rasguem o dos meninos. O pedido de desculpa, porém, é indispensavel.

E até á semana, porque é tarde e estou com muita pressa de ir ali ao teatro Republica vêr o Ferreira a fim de verificar se ele seria capaz de fazer o carroceiro da revista do Eden. Estou que não.

Bonaparte

(Aluno do Liceu Camões).

## Germanofobia

Telegrama de Paris:

«Em consecuencia de varios protestos apresentados na egreja grega, os padres da colonia suprimiram ali o nome de Constantino.»

Ora aí está em que se entreteem os aliados. Ao que nos dizem, as ultimas medidas tomadas contra os imperios centrais, medidas de cuja efficacia não é licito duvidar, são as seguintes:

—Não dar no batismo a creança alguma o nome de Guilherme.

—Suprimir a musica alemã de todos os concertos.

—Não usar bigodes á kaiser.

—Não assobiar a valsa da *Viuva Alegre*.

D'esta vez o resultado vai ser fulminante.

## Fala o Bermudes

Estão os submarinos na ordem do dia e sobre o caso ainda não vimos publicada coisa que nos satisfizesse. Felizmente a noticia, inserta em todos os jornaes, de que foram vistos submarinos pert. das Bermudas, nas aguas do Mexico, sugeriu-nos a idéa de ouvir pessoa competente—e esta não podia deixar de ser, tratando-se das Bermudas, senão o Felix Bermudes.

S. ex.<sup>a</sup> recebeu-nos ótımamente, com uma girandola de piadas engraçadissimas, inéditas, em preparo para a proxima revista de Ernesto, Felix & Bastos.

Afrouxado um pouco o riso que nos agitou perto de uma hora, dissémos o que nos levava ali.

—Ah! os submarinos e as Bermudas? Bem sei: é a apoteose do 1.º acto...

—Não; falamos no papel dos submarinos...

—Facilimo; é um papel que se decora em minutos.

—Perdão: referimo-nos aos subma-



rinos alemães e ás ilhas Bermudas...

—São dois grupos de coristas. Cantam e depois dançam um *pas-de-quadre*...

—Não nos entendemos. Na opinião de v. ex.<sup>a</sup>, que se deve fazer para evitar os ataques dos submarinos?

—E' não dar sorte ás raparigas.

—Raparigas?!

—Sim, ás que fazem de submarinos. Elas hão de atirar-se, já se sabe, mas o espetador que tem juizo não vai no bote.

—Ficamos, afina, sem saber o que devemos fazer.

—Ora essa! Deve aplaudir, deve chamar os autores, deve comprar as coplas!

—Mas para v. ex.<sup>a</sup> tudo são assuntos de revista do ano!

—Tudo! Os assuntos comicos exploram-se para rir, os tragicos para chorar, e vice-versa.

E despediu-nos, não sem nova enfiada de ditos espirituosos, que ainda hoje—e já lá vão oito dias—não podemos recordar sem nos escangalharmos a rir!

# MANECAS SALVA O QUIM, OU UMA PROEZA DO JOÃO RATÃO



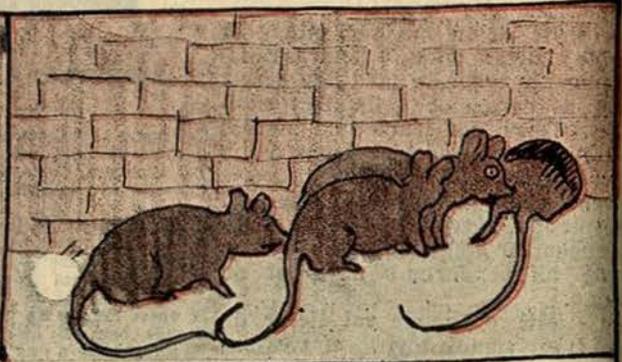
1.—Ao ver entrar no quarto o João Ratão  
Tem uma ideia o nosso cidadão.



2.—Com pedaços de assucar o conquista;  
Diz-lhe depois o que é que tem em vista.



3.—Reune João Ratão a rataria  
E explica o que o Manecas d'ele qu'ria:



4.—Que fizessem um tunel (eis o plano)  
Até ao sitio onde jazia o mano.



5.—No teto da prisão ouve um ruído  
O mano Quim, e aplica logo o ouvido.



6.—Aparece o Ratão n'uma abertura  
E diz que vae salvar a criatura.



7.—Para o que mete o rabo no buraco  
Trepando o Quim, mais agil que um macaco,



8.—Efetuou-se, enfim, a salvação  
Graças às prendas do João Ratão.